

A teologia pentecostal das Assembleias de Deus e o paradigma do pluralismo religioso

Adriano Sousa Lima ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i32.39318>

Resumo: O presente artigo reflete sobre a possibilidade do diálogo entre a teologia pentecostal e o paradigma do pluralismo religioso, proposto pelo teólogo católico francês Claude Geffré, como o novo paradigma da teologia do século XXI. Ao longo dos anos, a teologia cristã foi produzida desde as perspectivas do exclusivismo, inclusivismo e do pluralismo. A teologia pentecostal das Assembleias de Deus, desde os anos iniciais foi produzida, sobretudo, a partir do exclusivismo. Contudo, com as profundas transformações pelas quais a sociedade brasileira está passando e, conseqüentemente, a teologia cristã brasileira, há de se indagar sobre a possibilidade dos pentecostais assembleianos dialogarem com a teologia do pluralismo religioso. A partir de uma referência bibliográfica, o autor (que fala desde o locus assembleiano) apresenta novas perspectivas no diálogo entre a teologia pentecostal e a teologia do pluralismo religioso e, conclui que, dentro da perspectiva da fé, sem negociar a identidade cristã, a teologia pentecostal já vem afirmando de forma positiva o diálogo com pessoas de outras tradições religiosas.

Palavras-chave: Teologia Pentecostal. Pluralismo Religioso. Diálogo.

The pentecostal theology of the Assemblies of God and the religious pluralism paradigm

Resume: The present article reflects the possibility of the dialogue between Pentecostal theology and the paradigm of religious pluralism proposed by the French Catholic theologian Claude Geffré as the new paradigm for theology in the 21st century. Over the years, Christian theology has been produced from the perspectives of exclusivism, inclusiveness and pluralism. Being the exclusivism the characteristic of the Assemblies of God Pentecostal theology since the beginning of its history. However, due to the profound transformations Brazilian society and Christian theology are facing it is necessary to question the possibility of dialogue between Pentecostal Assemblies and the

¹ Doutor em Teologia (PUCPR), docente no Mestrado Profissional em Teologia e na graduação em Teologia da Faculdade Batista do Paraná; na graduação em Teologia do Centro Universitário Internacional – UNINTER; e na graduação em Teologia da Faculdade Cristã de Curitiba; Membro da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais – RELEP. Email: adriano.lima.66@hotmail.com.

theology of religious pluralism. From a bibliographical research, the author (who speaks from the Assemblies locus) presents new perspectives regarding to this relation. From the perspective of faith (without negotiating Christian identity), the text concludes that Pentecostal theology has already affirmed in a positive way the dialogue with people of other religious traditions.

Keywords: Pentecostal Theology. Religious Pluralism. Dialogue..

La teología pentecostal de las Asambleas de Dios y el paradigma del pluralismo religioso

Resumen: El presente artículo reflexiona sobre la posibilidad del diálogo entre la teología pentecostal y el paradigma del pluralismo religioso, propuesto por el teólogo católico francés Claude Geffré, como el nuevo paradigma de la teología del siglo XXI. A lo largo de los años, la teología cristiana se ha ido produciendo desde las perspectivas del exclusivismo, el inclusivismo y el pluralismo. La teología pentecostal de las Asambleas de Dios, desde los años iniciales, se ha producido, sobre todo, a partir del exclusivismo. Sin embargo, con las profundas transformaciones por las que la sociedad brasileña está pasando y, consecuentemente, también la teología cristiana brasileña, hay que indagarse sobre la posibilidad de los pentecostales assemblearios dialogar con la teología del pluralismo religioso. A partir de una referencia bibliográfica, el autor (que habla desde el locus assembleano) presenta nuevas perspectivas en el diálogo entre la teología pentecostal y la teología del pluralismo religioso y, concluye que, dentro de la perspectiva de la fe, y sin negociar la identidad cristiana, la teología pentecostal ya viene afirmando de forma positiva el diálogo con personas de otras tradiciones religiosas.

Palabras clave: Teología Pentecostal. Pluralismo Religioso. Diálogo.

Recebido em 05/09/2017 - Aprovado em 07/10/2017

Introdução

As igrejas evangélicas Assembleias de Deus, apresentam parcela significativa do pentecostalismo brasileiro. Com pouco mais de cem anos, essa igreja conta com aproximadamente 20 milhões de membros espalhados em todo país. Nos anos iniciais, com poucos recursos financeiros, a igreja enfrentou diversas dificuldades para seu estabelecimento na terra de Santa Cruz. Embora, sempre houve críticas de que os líderes e membros dessa comunidade não tinham apreço pelos estudos formais, os assembleianos sempre foram muito dedicados aos estudos informais². Contudo, diante das mudanças culturais, religiosas e tecnológicas, bem como das profundas transformações pelas quais passaram e vem passando a sociedade e, consequentemente, a

² No texto, estudos informais diz respeito aos estudos bíblicos realizados nas comunidades, tais como Escolas Bíblicas, cultos de ensino, entre outras atividades de ensino realizada na comunidade.

teologia, as Assembleias de Deus estão cada vez mais se dedicando aos estudos formais. Uma prova disso são as faculdades evangélicas, com cursos superiores espalhados pelo país. A teologia chegou para *ficar* no ambiente pentecostal.

Contudo, como já mencionado, a teologia cristã brasileira está passando por profundas transformações (no campo social e religioso) e estas, são provocadas pela pluralidade religiosa e cultural, estabelecida no país. Diante das nuances culturais, a teologia, que é feita dentro do seu contexto, precisa cada vez mais se repensar e se refazer, na intenção de fazer sentido para as pessoas da nossa época. Diante da situação plural, considerando o pouco tempo que os assembleianos estão inseridos no cenário teológico, qual é o posicionamento dessa igreja frente ao paradigma do pluralismo religioso? O que os teólogos pentecostais pensam a respeito? O tema está em debate na comunidade pentecostal? O presente artigo quer responder tais questionamentos e verificar em que medida a teologia pentecostal pode dialogar com o paradigma do pluralismo religioso.

Os paradigmas teológicos

Nesse momento, convém apresentar de forma sucinta alguns paradigmas em que se produziu teologia ao longo dos séculos, especificamente os séculos XIX e XX. Os paradigmas escolhidos (exclusivismo, inclusivismo e pluralismo) foram adotados por alguns autores, no entanto, foram bastante criticados por outros. Os críticos (o teólogo Luís Carlos Susin, por exemplo) acentuam que a utilização de modelos acaba por colocar a experiência das relações entre religiões em uma camisa de força, pois modelos não dão conta das mais variadas possibilidades de relações. Sem ter a intenção de fazer o desdobramento aprofundado de cada modelo (não é esse o objetivo), apresentam-se apenas alguns traços característicos de cada um dos três modelos porque, mesmo tendo em conta as objeções e os riscos, continuam a ser úteis quando mantidos dentro de objetivos analíticos específicos, como é o nosso caso.

O principal paradigma em que se produziram as bases da teologia cristã foi o exclusivista, que foi até o início do século XX o paradigma por excelência. Com raras exceções, o exclusivismo dominou a reflexão teológica na maior parte da história do cristianismo. A partir da sentença *Extra Ecclesiam nulla salus* (Fora da Igreja não há salvação), a teologia cristã pensava todos os outros temas teológicos. O axioma atribuído a São Cipriano foi assumido pelo Concílio de Florença em 1442 em seu decreto sobre os Jacobitas. As palavras expressas em Florença, pela força como foram proferidas, devem ser citadas aqui.

(O Concílio) firmemente crê, professa e ensina que ninguém daqueles que se encontram fora da Igreja Católica, não somente pagãos, mas também os judeus, os hereges e os cismáticos, poderão participar da vida eterna. Irão ao fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25,4), a menos que antes do término de sua vida sejam incorporados à Igreja. Ninguém, por grandes que sejam suas esmolas, ou ainda que derrame sangue por Cristo, poderá salvar-se se não permanecer no seio da unidade da Igreja Católica (DS 1351)³

Ainda no paradigma exclusivista, agora mais específico na teologia católica, o Papa Pio IX (1846-1878) afirmou algo interessante para essa pesquisa. Pio IX referiu-se a

esta ímpia e nociva ideia: que o caminho da salvação eterna pode ser encontrado em qualquer religião. Certamente devemos manter que é parte da fé que ninguém pode salvar-se fora da Igreja Apostólica Romana, que é a única Arca da Salvação, e quem não entra nela vai perecer no dilúvio. Entretanto, devemos da mesma maneira defender como certo que aqueles que se esforçam na ignorância da fé verdadeira, se esta ignorância é invencível, nunca serão acusados de nenhuma culpa por isso ante os olhos do Senhor (PIO IX, 2006).

³ É importante mencionar o fato de que tal expressão foi (e ainda é) interpretada muitas vezes fora do seu respectivo contexto. E é justamente essa interpretação fora do contexto que pode estar equivocada. A realidade da graça tem uma face invisível em que estão escondidos os santos e justos. Nesse aspecto, a igreja tem um caráter sacramental. Na medida em que pensamos a igreja desde a perspectiva institucional, existe salvação fora da igreja. Contudo, quando pensamos a igreja desde a perspectiva do Mistério, uma vez que toda graça é eclesial, de fato não há salvação fora da igreja. Portanto, o texto no qual se encontra a presente afirmação pode ser interpretado desde a perspectiva inclusiva.

O paradigma exclusivista na teologia cristã era exposto de forma clara. Só é admissível a salvação real e verdadeira no cristianismo. Apenas essa religião teria sido instituída pelo próprio Deus. Somente ela possui na sua mão a revelação verdadeira. Por conseguinte, qualquer outra religião está fora da verdade, da salvação e do acesso à revelação. As religiões não cristãs são deficientes, aberrantes, demoníacas, e devem ser eliminadas para que o cristianismo triunfe.

Embora esse modelo paradigmático tenha sido abandonado quase por completo, é necessário lembrar que ainda permanece em algumas Igrejas fundamentalistas pentecostais. O teólogo protestante mais influente do século XX foi sem dúvida Karl Barth⁴, que é um dos responsáveis pela expansão do exclusivismo no campo protestante. Ainda no século XXI, é possível encontrar indivíduos que, imaginando ser a sua religião a única verdadeira, demonizam as outras expressões religiosas. Em se tratando do Brasil, o caso emblemático de alunos evangélicos que se recusaram a fazer um trabalho escolar sobre a cultura afro-brasileira alegando questões religiosas corrobora essa afirmação⁵.

Segundo Vigil, não pode passar despercebido o fato de que o cristianismo

Durante quase 98% do período de sua existência, tenha pensado e afirmado, formal e oficialmente, de um modo consciente, solene, beligerante e até insolente, que as outras religiões estão fora da salvação. Não foi um erro pequeno de cálculo, nem foi equívoco de um momento, opinião de um setor majoritário ou simples erro num campo de menor importância. Foi um erro majestoso acerca de si mesmo e acerca do próprio Deus, que comprometeu a Igreja como conjunto e a seus órgãos diretivos mais altos, e de um modo contínuo. Foi um erro pelo qual anatematizamos muitas pessoas e depreciamos povos, culturas e religiões inteiras (VIGIL, 2006, p. 76).

⁴ A citação é feita por Paul Knitter na obra *Introdução à Teologia das Religiões*. Vale a observação de que por trás da teologia dialética de Barth está a *sola gratia*, que não é propriamente institucional. No exclusivismo, o peso institucional é muito grande. Contudo, teólogos como Paul Knitter o inclui no paradigma exclusivista.

⁵ Disponível em:

http://acritica.uol.com.br/noticias/Amazonas-Manaus-Cotidiano-Polemica-alunos-professores-trabalho-escolar-afro-brasileiro-evangelicos-satanismo-homossexualismo-espiritismo_0_808119201.html Acesso em 14/10/2014.

Antes de seguir a reflexão sobre o referido paradigma, é importante destacar que a interpretação de Vigil não é majoritária dentro da teologia católica. Grandes teólogos (Clodovis Boff, por exemplo) e certamente a própria igreja consideram a crítica de Vigil como rasa, imprecisa e carente de fundamentos. O modelo exclusivista certamente não é o mais adequado para que se produza teologia no tempo atual. A pedra exclusivista onde o cristianismo tropeçou por muitos séculos talvez seja uma das razões proeminentes do seu insucesso na missão. Essa passa pelo diálogo, reconhecimento e aprendizado mútuo. Parafraseando o teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga, quando se examinam de perto as riquezas de outras religiões, como o budismo, hinduísmo ou mesmo a grandeza de Zaratustra, já não se pode mais continuar crendo que tudo fora da religião cristã são trevas ou que são de origem diabólica (QUEIRUGA, 1997, p. 43). No que diz respeito ao paradigma exclusivista, se em algum momento alguns grupos se apropriaram desse paradigma para fazer teologia, é certo que ele não é o ideal.

O inclusivismo aparece como novo modelo paradigmático para a teologia em meados do século XX. É a posição segundo a qual ainda que a verdade e a salvação estejam plenamente presentes numa determinada religião também se fazem presentes de modo mais ou menos deficientes ou imperfeitos nas outras religiões, todavia como participação na verdade presente na única religião verdadeira. No caso específico da teologia cristã, o inclusivismo cogita a possibilidade de que as religiões possam desempenhar um papel na salvação da raça humana, um papel preparatório para o Evangelho de Cristo.

A teologia católica deu o salto paradigmático rumo ao inclusivismo. Alguns anos antes do Concílio Vaticano II circulava nos meios católicos a teoria do cumprimento, segundo a qual, para todas as religiões, o cristianismo vem a ser seu cumprimento, ou seja, sua consumação, sua plenitude. De acordo com esse modelo, apesar de as outras religiões continuarem sendo naturais, elas exercem a função de preparação para o acolhimento do evangelho. Apesar de ter avançado com relação ao exclusivismo, a teoria do cumprimento afirma que “ser preparação evangélica” é o máximo que pode se reconhecer nas religiões não cristãs. Jean Daniélou é um dos grandes nomes dessa corrente. O mérito dessa corrente é não desvalorizar as religiões não cristãs como fazia Barth.

Seguindo ainda na concepção inclusivista, o teólogo alemão Karl Rahner elaborou a famosa teoria dos “cristãos anônimos”. Essa foi um pouco mais além e afirmou que as religiões não podem apenas ser consideradas como naturais, uma vez que possuem valores salvíficos positivos e, por meio delas, a graça de Cristo alcança seus membros. Nesse aspecto, para Knitter, fundamenta-se uma crença essencial: a misericórdia ilimitada de Deus é uma verdade fundamental em que não se podem fazer

concessões (KNITTER, 2008, p. 83). Portanto, a ação salvadora de Deus alcança toda a história por meio da autocomunicação divina⁶. Os que aceitam essa autocomunicação têm uma experiência original de Deus e entram para a categoria dos cristãos anônimos, independentemente de ser ateu ou mesmo de outra tradição religiosa. Ou seja, o ser humano pode ter uma experiência de Deus fora dos limites da igreja e da religião cristã. É sem dúvida um notável avanço.

A teoria dos “cristãos anônimos” foi aceita no Concílio Vaticano II, e, da mesma forma como foi destacado o texto de Florença sobre o exclusivismo, vale ressaltar importante texto de *Nostra Aetate*, que diz:

A igreja católica nada rejeita do que nestas religiões [não-cristãs] há de verdadeiro e santo. Considera com sincero respeito os modos de agir e viver, os preceitos e doutrinas que, embora discordem em muitos pontos do que professa e ensina, não poucas vezes refletem um brilho daquela Verdade que ilumina todos os homens... por conseguinte, exorta a seus filhos que, com prudência e caridade, mediante o diálogo e a colaboração com os adeptos de outras religiões, dando testemunho da fé e da vida cristã, reconheçam, guardem e promovam aqueles bens e morais, assim como os valores socioculturais, que neles existem (NA, n 02).

Nos atos solenes do Magistério da Igreja Católica, é a primeira vez que a teologia cristã se pronunciava de forma positiva sobre as religiões não cristãs. Apesar do avanço, o texto conciliar *Nostra Aetate* é muito tímido se comparado à forma contundente e violenta do texto de Florença. No entanto, essa posição inclusivista é hoje a posição dominante no cristianismo católico e protestante. A tese de Rahner, mesmo tendo sido um avanço, foi inicialmente criticada em primeiro lugar pelo seu discípulo Hans Küng, que a considerou uma forma de “conquistar mediante um abraço”. Mais recentemente, Paul Knitter consideraria a posição rahneriana como uma forma de introduzir os não cristãos na igreja pela porta de trás.

⁶ Trata-se de uma teoria que defende a comunicação de Deus com todo ser humano.

Em terceiro lugar, tem-se o paradigma do pluralismo. Esse é o modelo teológico segundo o qual todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma por si e a seu modo. Nesse caso, não existe uma única religião que esteja no centro do universo. No centro está apenas Deus, e todas as religiões, inclusive o cristianismo, gira ao redor dele. Se no exclusivismo não há salvação fora da igreja e no inclusivismo não há salvação fora de Cristo, no pluralismo, só Deus salva.⁷ E, como já é consenso, Deus, apesar de ser descrito em categorias cristãs, não pertence a nenhuma religião, mas deseja se doar ao máximo em todas elas.

O grande nome do paradigma pluralista é o teólogo britânico John Hick.⁸ No ano de 1973, o inclusivismo estava nos seus anos iniciais, e Hick lança o livro *God and the Universe of Faiths. Essays in the Philosophy*, no qual propõe uma “revolução copernicana” bem como um “novo mapa” do universo da fé. A audaciosa proposta do teólogo britânico propõe que o cristianismo é como uma religião a mais que gira em torno de Deus que está no centro. Para Hick, é preciso construir um novo mapa em cujo centro não esteja uma religião histórica e nem mesmo Cristo, mas apenas Deus. No modelo hickiano, a Igreja, Cristo, e as outras religiões giram em torno de Deus.

A ideia de tirar do centro a Igreja, o cristianismo ou qualquer outra religião histórica de fato não parece problema. A questão começou a encontrar dificuldade quando Hick propõe que também Cristo não pode ser o centro. Para Hick, Jesus não pode ser considerado como Deus. Apenas Deus está no centro. Embora Hick reconheça a existência das propostas teológicas que buscaram desenvolver aproximações mais abertas, como, por exemplo, a teoria rahneriana dos “cristãos anônimos”, a “pertença à Igreja invisível” e o “batismo de desejo”, ele as considera como teorias artificiais.

Conforme já ficou claro, não será tratado de forma aprofundada dos três modelos paradigmáticos nessa parte, pois não é esse o objetivo. No entanto, é fundamental esclarecer alguns pontos importantes sobre esse modelo. Não se pode ter uma conceitualização simplificada do pluralismo. Ele não pode ser visto simplesmente como um modelo contrário do exclusivismo, como se defendesse que todas as religiões são idênticas. Dentro dessa questão, outra igualmente importante é a que o pluralismo não se limita à posição de John Hick. A posição deste está inserida em um conjunto de

⁷ Diretamente, o pluralismo religioso defende que cada religião tem o seu próprio Messias. As diferentes figuras de Deus operam a salvação em cada religião específica.

⁸Embora falemos de Hick como uma grande referência no modelo do pluralismo religioso, é importante ressaltar que existem defensores do pluralismo religioso, que não estão de acordo com Hick e o consideram exagerado e relativista (Mário de França Miranda, por exemplo). Nesse aspecto, vale destacar que algumas literaturas recentes, diferenciam pluralismo religioso e relativismo. O primeiro não necessariamente conduz ao segundo. Contudo, isso pode acontecer, desde a visão extremista, de Hick, por exemplo.

muitas outras posições pluralistas. Como afirma Vigil, “o pluralismo é maior que Hick e não depende dele” (VIGIL, 2006, p. 88).

Muitas vezes os detratores acusaram o pluralismo religioso de não respeitar a particularidade de cada religião, dizendo que para ele todas as religiões são iguais. No entanto, essa acusação não procede. O paradigma pluralista sensato reconhece e afirma a particularidade de cada religião. Nas palavras do teólogo pluralista José Maria Vigil, essa posição

Reivindica uma igualdade básica das religiões, não um igualitarismo que queira fazê-las praticamente idênticas. O que é essa igualdade básica? Em essência, é a negação da possibilidade do inclusivismo. Ou seja, o paradigma teológico pluralista sustenta que as religiões são basicamente iguais, no sentido – é só neste sentido – de não ser apenas delas a única verdadeira ou a depositária da salvação, da qual todas as demais seriam devedoras, subsidiárias ou participantes, mas sim que todas ocupam um estado salvífico basicamente igual(VIGIL, 2006, p. 88-89).

Portanto, é importante afirmar que o pluralismo aceita e reconhece as desigualdades das religiões concretas. Para o pluralismo, as religiões não são iguais, mas diferentes. Com isso, afirma-se a relatividade das formas religiosas e não o relativismo diante das religiões. Por reconhecer a relatividade de algo que foi indevidamente absolutizado, o pluralismo não cai no relativismo. Tais esclarecimentos são fundamentais para que se tenha uma compreensão correta sobre o que é e o que propõe esse modelo teológico.

Tendo apresentado de forma sucinta os três modelos clássicos de se fazer teologia, na sequência, apresentaremos o terceiro modelo, pluralismo religioso, como o novo paradigma da teologia no atual século. Com as mudanças vivenciadas na história e com a vitalidade das grandes religiões, não é mais possível produzir teologia cristã sem levar em consideração as riquezas das outras tradições religiosas.

O pluralismo religioso como paradigma teológico

O teólogo Claude Geffré foi bastante influenciado pelo teólogo alemão Paul Tillich. Para desenvolver o método hermenêutico de fazer teologia, Geffré tem como base o método tillichiano de correlação. O método hermenêutico desenvolvido por Geffré capacitou-o a ter uma nova percepção do pluralismo religioso presente na atual sociedade. Se no primeiro momento a teologia era construída tendo como base um saber constituído e seguro, nos dias atuais se faz teologia a partir de interpretação plural.

O teólogo dominicano era muito preocupado com questões de teologia fundamental, e estava consciente de que, em décadas passadas, as questões da descrença moderna e a indiferença religiosa norteavam a produção teológica. No entanto, sob a inspiração de Paul Tillich, Geffré acredita que o pluralismo religioso é o novo paradigma da teologia. Nas palavras do próprio teólogo,

Como já vimos, não há teologia sem tomar a sério a correlação entre experiência fundamental da primeira comunidade cristã, aquela que se traduziu nos textos fundadores do cristianismo, e nossa experiência histórica como homens e mulheres do século XXI. Ora, nesta experiência histórica é preciso mencionar como um fato importante a questão do pluralismo religioso. É à luz deste pluralismo religioso que somos convidados a reinterpretar algumas verdades fundamentais do cristianismo. Se podemos falar legitimamente de uma virada hermenêutica da teologia, é em grande parte porque o pluralismo religioso exerce praticamente a função de um novo paradigma teológico (GEFFRÉ, 2004, p. 131).

Para Geffré, as grandes tradições religiosas colocam questões cruciais ao cristianismo. Para esse autor, tais questões são mais temíveis do que as questões do ateísmo e da indiferença religiosa. Geffré faz uma pergunta fundamental: “como não cair num certo relativismo, como conciliar as exigências do diálogo e as exigências da fidelidade à unicidade do cristianismo entre as religiões do mundo?” (GEFFRÉ, 2004, p. 131). Uma das possibilidades é tomando a palavra relativismo no sentido de relacional e não como sendo o contrário de absoluto. Nesse aspecto, a verdade cristã como hermenêutica da palavra de Deus é sempre relativa. Sobre a unicidade do cristianismo, diz

Geffré que “não é nem uma unicidade de exclusão nem uma unicidade de inclusão. Trata-se de uma unicidade relativa em sentido relacional” (GEFFRÉ, 2013, p. 40).

A legitimidade das religiões começa a se desenhar com as afirmações positivas sobre as outras tradições religiosas feitas no Vaticano II. Apesar da timidez dos pronunciamentos conciliares, ninguém pode negar que houve um grande avanço por um lado e, por outro, a abertura de novos caminhos teológicos. A partir do encontro de Assis, ocorrido em 17 de outubro de 1986, compreende-se melhor a nova situação histórica da teologia cristã. O pluralismo religioso não deverá mais ser visto como ideologia que relativiza os valores absolutos e prejudica a fé da Igreja. Pelo contrário, nos dias atuais, quando sabemos melhor que o futuro do cristianismo não se coloca mais principalmente no Ocidente, o pluralismo religioso é o destino da Igreja.

O paradigma do pluralismo como questão teológica deverá ser o horizonte de toda reflexão sobre Deus, cristologia, eclesiologia e missão. O último concílio, o Vaticano II, abriu caminhos fecundos para que a teologia cristã possa aos poucos ser uma teologia relacional, que dialogue de igual modo (?) com outras teologias. O eurocentrismo da teologia cristã vem aos poucos dando lugar a uma reflexão policêntrica que pode ser terreno de fecundação mútua. O paradigma emergente do pluralismo religioso busca conscientizar a todos que todas as teologias devem dialogar entre si tendo como objetivo final a plenitude humana.

O pluralismo religioso está dividido em duas vertentes: o pluralismo de fato e o pluralismo de princípio. A primeira diz respeito à própria pluralidade ou diversidade de tradições religiosas existentes, todas elas. Tal diversidade existe de fato e não pode ser negada. No entanto, a existência desse pluralismo de fato leva o teólogo Claude Geffré a se questionar se “nós não somos convidados a pensar na possibilidade de um pluralismo de princípio que dependeria do próprio desígnio de Deus” (GEFFRÉ, 2004, p. 135).

O debate sobre a aceitação decidida de um pluralismo de princípio suscita divergência de opiniões no universo da teologia. Entre os teólogos que defendem essa corrente, é possível encontrar nomes como E. Schillebeeckx, J. Dupuis, M. Amaladoss, Roger Haight e Geffré. Para o teólogo brasileiro Mário de França Miranda, defensor de um pluralismo de fato, esse debate é secundário, visto que as religiões “não estão aí para completar o que faltou em Jesus Cristo, mas sim o que falta em nossa apropriação desta verdade última sobre Deus e sobre nós, que é inevitavelmente contextualizada e histórica” (MIRANDA, 2002, p. 35). Geffré faz um questionamento que, devido à sua importância, merece ser citado:

A questão teológica que é preciso ser colocada é de se perguntar se essa vitalidade das religiões não cristãs é simplesmente devida seja à cegueira e ao pecado dos homens, seja a um certo fracasso da missão cristã, ou se esse pluralismo religioso corresponde a um querer misterioso de Deus (GEFFRÉ, 2004, p. 135).

Nas palavras citadas, podem-se observar três questões interessantes: 1) As pessoas que pertencem às outras tradições religiosas são “cegas”, limitadas e fechadas à revelação divina?; 2) A Igreja cristã em sua missão não consegue anunciar o mistério trinitário com competência?; 3) Ou o pluralismo religioso é um querer misterioso de Deus, um desígnio de Deus para a humanidade? Apesar de ter consciência de que, no primeiro momento, a Bíblia faz um juízo pessimista sobre as outras religiões, Geffré acredita que a diversidade dos fenômenos religiosos deve ser afirmada à luz de textos neotestamentários. Com base em textos como I Tm 2,4, “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”, e em At 10, 34-35, “Verifico que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica justiça lhe é agradável”, Geffré vai optar pela terceira questão e afirmar que “o pluralismo religioso pode ser considerado como um desígnio misterioso de Deus cuja significação última nos escapa” (GEFFRÉ, 2013, p. 52).

Os dias atuais são desafiadores para a teologia cristã. Se “a atual crise do cristianismo é em grande parte uma crise de linguagem” (MIRANDA, 2004, p. 12), o paradigma do pluralismo religioso não admite linguagens desclassificadoras. É momento de sensibilidade e respeito pelas diversas tradições religiosas, que são caminhos constitutivos de salvação. Afirma Haight:

Em nenhuma outra época as pessoas tiveram tanto senso da diferença dos outros, do pluralismo das sociedades, das culturas e das religiões, bem como da relatividade que isso implica. Já não é possível a centralidade da cultura ocidental, a supremacia de sua perspectiva, ou o cristianismo como a religião superior, ou o Cristo como o centro absoluto em relação ao qual todas as demais mediações históricas são relativas (HAIGHT, 2003, p. 384-385).

O pluralismo religioso é uma questão que a teologia cristã deverá encarar com muita seriedade. Não se trata apenas de “acrescentar um capítulo ao edifício solidamente construído da teologia clássica” (GEFFRÉ, 2013, p. 27), mas assumir o risco de reinterpretações dos principais capítulos da teologia cristã com a finalidade de dialogar com o mundo de hoje, respeitando a consciência autônoma e histórica de cada indivíduo. De acordo com Schillebeeckx, a teologia cristã precisa reconhecer que “a certeza inabalável de que continuamos possuindo a verdade, enquanto os demais estão errados, não é mais uma possibilidade”. Ainda: “a multiplicidade de religiões não é um mal que precisa ser removido, mas antes uma riqueza que tem de ser bem vinda e por todos desfrutada [...] Há mais verdade religiosa em todas as religiões juntas do que em uma religião determinada [...] isso se aplica também ao cristianismo” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 25). Em perfeita sintonia, Geffré afirma:

A pluralidade das religiões, longe de ser um mal que é preciso progressivamente eliminar, pode contribuir para uma manifestação mais perfeita da riqueza multiforme do mistério de Deus. Mas encontramos imediatamente a objeção: será que isso não leva, necessariamente, a relativizar o cristianismo, que tem a pretensão de ser a única religião, visto que ele só tem sentido em relação à manifestação completa e definitiva de Deus em Jesus Cristo? (GEFFRÉ, 2013, p. 73).

Para Geffré, a questão posta da manifestação de Deus em Jesus Cristo é de fundamental importância dentro do novo paradigma do pluralismo religioso. Ele critica os vários teólogos que buscam sacrificar o cristocentrismo em detrimento do teocentrismo. Para esse autor, não se pode aderir ao teocentrismo radical que exclui o cristocentrismo (GEFFRÉ, 2013, p. 80). Mas é cabível a pergunta do outro lado da moeda: é possível produzir teologia a partir do paradigma do pluralismo religioso abraçado em um cristocentrismo radical que exclui o teocentrismo? Geffré busca uma dialética mais geral e afirma:

Como já sugeri, em vez de apelar para um teocentrismo muito geral, é a partir da própria mensagem cristã, a saber, a manifestação de Deus na particularidade histórica de Jesus de Nazaré, que se deve provar o caráter não imperialista e necessariamente dialógico do cristianismo. É exatamente porque o cristianismo reivindica, a justo título, ser a religião da revelação final, que nenhum dos diversos cristianismos históricos, depois de vinte séculos, pode pretender definir a essência do cristianismo como religião da revelação última sobre Deus. Estamos, portanto, livres para negar o caráter absoluto do cristianismo como religião histórica (GEFFRÉ, 2013, p. 37).

A opção de Geffré é pelo pluralismo religioso de princípio e não apenas de fato. Ele opta por valorizar todas as tradições religiosas como estando dentro do misterioso desígnio de Deus. Nessa virada paradigmática, o pluralismo religioso querido e desejado por Deus admite que as outras tradições religiosas não são projeções das preparações de uma única verdade. Elas têm simplesmente o estatuto de uma verdade diferente. E é fundamental que haja por parte da revelação cristã o reconhecimento de que a própria revelação cristã é inadequada em relação à plenitude da verdade última que está unicamente em Deus. Sem dúvida, não é uma empreitada fácil. Nas palavras de Teixeira, “trata-se de uma tarefa difícil, exigente e provocadora” (TEIXEIRA, 2007, p. 25).

Portanto, o pluralismo religioso de princípio diz respeito à riqueza do mistério divino que não pode ser capturado somente por uma tradição religiosa. A diversidade cultural, por sua vez, reflete a beleza do ser humano como ser de criatividade, de modo que as diferentes religiões testemunham essa dimensão criativa na maneira de captar o mistério divino que transcende o humano. Por isso, é possível concordar com a belíssima afirmação de Dupuis: “o pluralismo religioso de princípio se fundamenta na imensidão de um Deus que é Amor” (DUPUIS, 1999, p. 528).

A teologia produzida tendo como paradigma o pluralismo religioso deverá sempre buscar ao lado dos membros de outras tradições religiosas a promoção do Reino de Deus. Se, nos outros paradigmas (exclusivista e inclusivo), os membros das outras religiões estavam excluídos ou sendo preparados respectivamente, no paradigma do pluralismo religioso os membros de outras tradições religiosas que respondem ao apelo de Deus são membros do Reino de Deus. Nessa virada paradigmática, “pode-se,

portanto, fazer parte do Reino de Deus sem fazer parte da Igreja e sem passar pela sua mediação” (GEFFRÉ, 2013, p. 79).

Dessa forma, todas as vezes que homens e mulheres pertencentes às outras tradições religiosas trabalham em favor da paz, da justiça, da liberdade, da fraternidade, contribuem misteriosamente para o advento do Reino de Deus na história. Nesse aspecto, vale salientar que os conteúdos do Reino dizem respeito à humanidade de modo geral e não simplesmente à religião. Portanto, o caminho de Jesus não diz respeito a um centrismo fechado como considerado pela cristologia exclusivista, mas pode ser considerado como uma encruzilhada de muitos caminhos. Seguindo o horizonte do Reino de Deus, que estava no centro da mensagem e da vida de Jesus, o próprio pentecostalismo poderá dialogar com outras tradições religiosas e estas podem cooperar juntas para a promoção e proclamação de um mundo de paz e justiça, onde o amor de Deus pelo Espírito Santo possa fluir livremente no coração de cada ser humano.

A teologia pentecostal assembleiana e o paradigma do pluralismo religioso

Inicialmente, é preciso esclarecer algo sobre o que foi apresentado até o presente momento no texto. A descrição dos modelos de teologias do pluralismo religioso, apresentados por Geffré, Vigil, Haight, Queiruga, são apenas para efeito de informação e atualização do tema. Sendo eles de tradição católica, é necessário informar que suas perspectivas teológicas foram (e ainda são) criticadas e em parte rejeitadas pela igreja, conforme é possível perceber em diversos documentos, tais como *Dominus Iesus*, *Redemptoris Missio*, *Diálogo e Anúncio*, entre outros. Embora os documentos não façam citação nominal de nenhum deles, a posição da igreja no que se refere ao tema é divergente do que propõem os referidos teólogos.

A teologia pentecostal brasileira, tal como se apresenta de fato nos dias de hoje, não admite o método do pluralismo religioso, sob hipótese nenhuma. Nem mesmo o inclusivismo está sistematizado no terreno teológico dos pentecostais. A teologia pentecostal de modo geral, e a teologias assembleianas, de forma específica, trabalham com o método exclusivista. A partir de uma leitura literalista da Escritura, essa tradição cristã entende que as outras religiões não são oriundas de Deus, que não são inspiradas pelo Espírito Santo. Logo, todas necessitam, caso queiram encontrar a salvação, se arrepender dos seus caminhos de idolatria e voltar para o senhor Jesus Cristo. Seriam religiões idólatras, que adoram outros deuses. Essa compreensão aplicaria-se inclusive a algumas tradições cristãs, como no caso do catolicismo. Mesmo para o diálogo ecumênico, os pentecostais não admitem uma possibilidade do mesmo, visto que os membros das outras igrejas cristãs (na sua maioria) são idólatras, pois não adoraria o Deus verdadeiro. Sendo assim, eles precisariam “aceitar a Jesus” como salvador. Essa é a

visão básica dos assembleianos brasileiros. Isso não impede que a próprias assembleias de Deus, a partir da sua própria matriz pentecostal, possa se abrir para um fecundo diálogo inter-religioso, em base aos próprios elementos já presentes dentro da sua própria doutrina.

A perspectiva atual dos pentecostais clássicos no que se refere ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso não é gratuita. As assembleias de Deus, nos seus anos iniciais no Brasil, sofreu muitas perseguições de outras igrejas cristãs, sobretudo, da igreja Católica. Isael de Araújo dedica um longo espaço no *Dicionário do Movimento Pentecostal* para detalhar algumas perseguições que a igreja sofreu. Logo no início da definição da palavra “Perseguição”, Araújo afirma que se trata de um

conjunto de ações repressivas realizadas por um grupo específico sobre outro, o qual se demarca por determinadas características religiosas, culturais, políticas ou étnicas. O cenário mais comum consiste na opressão de um grupo minoritário por parte de uma maioria, já que o inverso é, na maior parte dos casos, muito improvável. A perseguição pode ser classificada em dois tipos: 1) perseguição aberta, em que a ação física e material infligida diretamente sobre quem e o que se deseja atacar; e 2) perseguição oculta, em que a ação velada e disfarçada, infligida, de forma indireta, por meio de leis, restrições, proibições e discriminações. Quando o Movimento Pentecostal moderno surgiu, no início do século 20, os pentecostais encontraram oposição e hostilidade em toda parte (ARAÚJO, 2014, p. 637).

As palavras do historiador das Assembleias de Deus não justificam o fechamento da denominação no que se refere ao tema do diálogo ecumênico e inter-religioso. Contudo, apresenta explicações importantes. Em momento posterior da presente pesquisa, as perseguições sofridas pelos pentecostais serão detalhadas. Por ora, é fundamental entender que a perseguição sofrida contribuiu muito para a postura atual da igreja, levando os pastores a ensinar que “ecumenismo é uma obra do diabo”⁹. O mesmo autor do artigo supramencionado escreveu outro artigo refletindo sobre o ecumenismo

⁹Esse é o título de um artigo do pastor Ciro Sanches Zibordi, publicado no Jornal Oficial das Assembleias de Deus – “Mensageiro da Paz” em março de 2012.

no site de notícias da denominação (CPAD News)¹⁰. Desta feita, Sanches utiliza-se do texto bíblico (2 Coríntios 6. 14-18) para afirmar que o ecumenismo é também jugo desigual. Nas suas próprias palavras, apesar de “os pregadores e ensinadores comumente usarem o termo jugo desigual para referirem ao casamento misto, o sentido da mensagem contida em 2 Co 6.14-18 é muito mais amplo e abarca todos e quaisquer tipos de comunhão com incrédulos”. E mais: “Jesus não veio ao mundo para pregar uma convivência ecumênica ou promover uma união de paz entre as religiões, por mais intolerante e politicamente incorreto que isso possa parecer” (SANCHES, 2015). O pastor Ciro Sanches, para o bem ou para o mal, é um dos escritores assembleianos mais lidos no meio pentecostal na atualidade. Seus livros sempre figuram na lista dos mais vendidos da Editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD . A percepção do referido pastor no que se refere ao tema do ecumenismo (e diálogo inter-religioso) é basicamente a percepção da comunidade, dos pastores, líderes, etc.

Para os pentecostais o ecumenismo e o pluralismo religioso são perspectivas inadequadas para o seguidor de Jesus. Existem dois problemas que devem ser destacados na compreensão pentecostal sobre o ecumenismo: o primeiro é que os pentecostais não fazem diferença entre o movimento que busca a unidade dos cristãos (ecumenismo) e a busca pela justiça, paz e a ecologia entre as religiões (pluralismo religioso). No artigo supramencionado, o pastor Sanches afirma que “o ecumenismo aparenta ser um bom caminho, em razão de pregar a tolerância à diversidade religiosa” (SANCHES, 2015). Percebe-se claramente a definição equivocada de ecumenismo. Tal definição adequa-se ao pluralismo religioso. A segunda questão, ainda mais grave, é o fato de que, para os evangélicos pentecostais (especificamente os assembleianos), os católicos não são cristãos. Aqui reside provavelmente o maior obstáculo para os assembleianos serem ecumênicos. A compreensão elementar é que os católicos são aqueles que precisamos “evangelizar”, “convertê-los”. Dessa forma, para os pentecostais brasileiros, não existe possibilidade de unidade nem ecumênica, muito menos inter-religiosa.

Essa tradição é proveniente da perspectiva fundamentalista norte-americana. Os missionários que vinham daquela região para contribuir com a igreja brasileira tinham uma perspectiva extremamente pessimista quanto ao assunto em questão. O historiador das assembleias de Deus brasileira, Isael de Araújo, no “Dicionário do Movimento Pentecostal”, definindo o verbete “Pentecostal Teologia”, explica a diferença entre a teologia escandinava e a norte-americana. Em determinado momento, diz Araújo:

¹⁰ Conforme acesso em 05/10/2017: <http://www.cpadnews.com.br/blog/cirozibordi/apologetica-crista/146/o-ecumenismo-religioso-e-o-jugo-desigual-.html>

Se os escandinavos fizeram um bom trabalho de base e de estabelecimento da identidade pentecostal, os norte-americanos fizeram um bom trabalho preventivo em relação a modismos. Antes que determinadas doutrinas que já eram populares nos EUA ganhassem força no Brasil, eles preveniam os obreiros sobre elas. Por exemplo, na Convenção Geral de 1962, em Recife, são o missionário Lawrence Olson e o pastor Raymond Carson, então presidente do Instituto Bíblico da AD em Minnessota, que viria a ser líder do Concílio Geral das ADs nos EUA, que previnem os obreiros, em estudo bíblico, sobre os perigos do ecumenismo, uma onda nova na época. Ao final daquela convenção, Olson, Bergstén e o pastor Alcebiades Vasconcelos, representando os obreiros brasileiros, assinaram um documento, em nome da CGADB, contra o ecumenismo (ARAÚJO, 2014, p. 561).

Como é possível perceber, a posição teológica pentecostal brasileira foi (e ainda é) bastante influenciada pelos norte-americanos. Eram eles que determinavam qual a perspectiva teológica que a igreja brasileira deveria seguir. Tanto no que se refere aos temas sobre ecumenismo e pluralismo religioso como em outras temáticas. Araújo lembra que “havia também os estudos norte-americanos sobre os erros do evolucionismo, o liberalismo teológico, a Teologia da Libertação etc.” (ARAÚJO, 2014, p. 561). A respeito de todos os temas supramencionados, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus - IEAD brasileira mantém suas convicções. No fundo, a preocupação com a identidade cristã faz com que essa denominação e seus respectivos líderes continuem pregando e ensinando contra o pluralismo religioso.

A boa notícia é que nos últimos anos teólogos pentecostais vêm dedicando-se a estudar o tema do pluralismo religioso. Algo que em outro momento não era sequer imaginado. Embora esses estudiosos sejam oriundos de outros países, na sua maioria, americanos, são, sem dúvida um sinal muito positivo. O principal teólogo pentecostal que tem dedicado seus estudos sobre o tema é Amos Yong. Teólogo das Assembleias de Deus americanas, publicou no ano 2000 na Universidade de Boston sua tese doutoral intitulada “Discernindo os Espíritos – Uma contribuição Pentecostal Carismática para a

Teologia Cristã das Religiões”¹¹. Três anos depois (2003), Yong publicou a obra “Além do Impasse – Em direção a uma Teologia Pneumatológica das Religiões”¹².

Logo na introdução da sua tese doutoral, expressando suas motivações para estudar o tema, Yong afirma: “Uma teologia das religiões está intimamente ligada ao diálogo das religiões e os pentecostais precisam estar envolvidos nessas conversas” (YONG, 2000, p. 24). Sobre o entendimento pentecostal a respeito das outras religiões, o teólogo americano afirma:

O entendimento pentecostal clássico de outras religiões apela para o testemunho evangelístico levando à conversão. Proselitismo, no entanto, é atualmente um termo pejorativo em círculos inter-religiosos. Isso não significa que os pentecostais devam desistir de suas atividades evangelísticas. Significa simplesmente que o anúncio deve ser realizado em tensão com outros modos de se relacionar com os de outras religiões. Isso pode incluir serviços organizados, debates, fóruns abertos, etc., o que chamamos de escuta, bem como falar. Diálogo inter-religioso no sentido mais amplo cobre esse amplo espectro de atividades. Considerando visualizações pentecostais anteriores de outras tradições não ter predisposto a engajar-se em mais do que testemunho kerigmática, o cultivo desta atitude mais flexível é agora uma tarefa urgente (YONG, 2003, p. 24-25).

O teólogo Amos Yong lembra que a abordagem dos pentecostais clássicos sobre as outras religiões sempre se deu com finalidades proselitistas. O termo proselitismo, de acordo com o próprio autor, tornou-se pejorativo nos dias atuais. Contudo, Yong faz questão de dizer que tal situação não pode conduzir os pentecostais a desistirem da evangelização, algo que para ele faz parte da identidade cristã e, por isso, sob hipótese nenhuma deve ser abandonado. O teólogo ainda elenca algumas atividades (debates, fóruns, serviços organizados) que podem envolver os pentecostais em conversas sobre o diálogo inter-religioso. Finalmente, Yong afirma que a aproximação dos pentecostais no diálogo das religiões é agora uma tarefa urgente.

¹¹Discerning the Spirit(s) – A Pentecostal-Charismatic Contribution to Christian Theology of Religions”.

¹²Beyond the Impasse – Toward a Pneumatological Theology of Religions.

O referido teólogo pentecostal está atento às metodologias adotadas dentro da tradição cristã para a abordagem teológica das outras religiões. Ele lembra que “em meados da década de 1980, a discussão sobre a teologia cristã das religiões foi dominada pelas categorias de exclusivismo, inclusivismo e pluralismo” (YONG, 2003, p. 22). Longe de uma postura exclusivista, Yong reconhece que a perspectiva inclusivista é uma das mais adequadas. Nas suas próprias palavras, “a tese do cristianismo anônimo tem sido até agora a mais produtiva não só no avanço do pensamento católico em teologia das religiões, mas também em provocar contra repostas” (YONG, 2000, p. 42). A centralidade da salvação em Jesus Cristo é inegociável para a fé cristã de modo geral e especificamente para um pentecostal. Mesmo que a teologia passe do cristocentrismo para o teocentrismo, como querem os pluralistas, Yong acredita que não é suficiente, “uma vez que existem tradições, tais como Theravada e Zen Budismo e Taoísmo filosófico que são essencialmente não-teístas” (YONG, 2000, p. 45). Mas as críticas do teólogo americano à perspectiva pluralista se dão, sobretudo, no âmbito cristológico:

O que acontece com Cristo de Hick na "revolução copernicana"? Em conjunto com a sua perspectiva de pluralismo no início de 1970, Hick viu claramente que a cristologia ortodoxa teve que ser radicalmente reinterpretada. Sua própria contribuição para o mito do Deus encarnado que ele editou em 1977 sinalizou seu alijamento de pontos de vista cristológicos tradicionais, uma posição que ele tem em grande parte mantida até o presente. Jesus na teologia teocêntrica das religiões de Hick não é o Filho de Deus encarnado, mas sim um homem ungido pelo Espírito de Deus num grau maior do que outras pessoas. O conceito de encarnação é uma mera metáfora que chama a nossa atenção para a presença de Deus no homem Jesus ao destacar sua obediência à vontade divina (1989b, 1989c, 1995: 57-59). O que aconteceu na teologia pluralista das religiões de Hick (é claro,) é que o aspecto universal da relação divina com seres humanos tem sido enfatizada em detrimento do absoluto do núcleo cristológico da fé crista (YONG, 2000, p. 45-46).

Nas palavras de Amos Yong, a cristologia de Hick é alijada, uma vez que Jesus não é o Filho de Deus encarnado, mas apenas um homem ungido pelo Espírito. A encarnação é apenas uma metáfora e não um fato histórico que mudou a própria história da humanidade, como sustentava o teólogo alemão Wolfharth Pannenberg (2009). Como um bom teólogo pentecostal, Yong não admite esse reducionismo da pessoa de Jesus Cristo, como pressuposto para que os cristãos participem do diálogo inter-religioso. A sentença de Yong é clara: é inadmissível que o núcleo da fé cristológica seja relativizado em detrimento do aspecto universal da relação divina com os seres humanos. Deve ser justamente o contrário: é na ênfase da fé em Cristo e no seu Espírito que melhor pode ser compreendido o aspecto universal da relação de Deus com os seres humanos.

No Brasil, a teologia assembleiana sempre se desenvolveu desde a perspectiva clássica, ortodoxa e conservadora. As grandes transformações pelas quais a sociedade passou (e vem passando) não foram suficientes para provocar mudanças no contexto teológico das assembleias de Deus. Dessa forma, a perspectiva no que se refere às religiões não cristãs sempre foi negativa, conforme já foi observado pelos textos do pastor Ciro Sanches. Ainda nos tempos atuais é comum você ouvir um líder de uma comunidade e até mesmo teólogos pentecostais se referirem às religiões não cristãs como “obras do diabo”.

Em passos lentos e ainda tímidos, teólogos assembleianos estão interessados no tema do pluralismo religioso. Já é possível encontrar reflexões teológicas no contexto da IEAD que objetivam repensar alguns temas, dialogar com outras perspectivas e até mesmo propor mudança de paradigma. Nesse aspecto, o teólogo paraibano Esdras Costa Benthô tem sido um dos principais proponentes de uma nova reflexão teológica pentecostal. Em artigo publicado no site de notícias da denominação (CPAD News), Benthô refletiu sobre o tema: “Teologia e novos paradigmas: desafios ao pentecostalismo contemporâneo”.¹³ O teólogo pentecostal destacou as propostas apresentadas por dois teólogos católicos, a saber, Andrés Torres Queiruga e Hans Küng. Em sintonia com Queiruga e Küng e espírito ecumênico, Benthô afirma que “no bojo dos novos paradigmas a modernidade trouxe duas dimensões da vida humana que é inútil combatê-las, cabendo-nos o compromisso de redirecioná-las: a autonomia e a historicidade” (BENTHO, 2013). A proposta em si já é bastante otimista. É um teólogo pentecostal, pastor das assembleias de Deus, que expressa o desafio de mudança paradigmática na teologia pentecostal. Após expor de forma resumida as propostas dos teólogos católicos, Benthô conclui seu texto com palavras provocadoras: “Nenhuma tradição é obrigada a

¹³ Conforme acesso em 05/10/2017: <http://www.cpadnews.com.br/blog/esdrasbenthô/cultura-crista/83/teologia-e-novos-paradigmas-desafios-ao-pentecostalismo-contemporaneo.html>

aceitar tais proposições, mas é sensato considerá-las seriamente, se de fato há algum interesse em dialogar com a pós-modernidade e fazer a fé inteligível no mundo de hoje”. E deixa um conselho para a teologia pentecostal: “Cabe à teologia pentecostal encontrar seu próprio caminho num mundo que se fechou para ouvir as vozes teológicas fincadas em paradigmas ultrapassados” (BENTHO, 2013).

Dentro do contexto atual das assembleias de Deus, Benthô tem apresentado reflexões teológicas que tratam dos problemas da pós-modernidade, inclusive, o pluralismo religioso. No verão de 2013, ele publicou um artigo no site oficial de notícias da IEAD (CPAD News), cujo título é: “John Hick e a Teologia do pluralismo religioso”.¹⁴ Nesse artigo, Benthô apresenta aos seus irmãos pentecostais a perspectiva do teólogo inglês sobre o pluralismo religioso. Após apresentação sintetizada, Benthô afirma que o problema que Hick tem que enfrentar é a exclusividade da pessoa de Jesus Cristo. Para isso, é necessário desconstruir a fé, tal como se encontra apresentada pelos Concílios. Benthô lembra com razão que “essa posição dificilmente seria aceita pelos primeiros teólogos da igreja nascente, e provavelmente, seria condenada pelos primeiros concílios” (BENTHO, 2013). Já no verão de 2014, o teólogo paraibano, em outro artigo no mesmo site, perguntou: “Jesus Cristo, obstáculo ao diálogo inter-religioso?”. A partir dessa pergunta, Benthô mais uma vez apresenta uma reflexão pentecostal sobre o pluralismo religioso. Desta feita, ele mantém as críticas às posições que relativizam a pessoa de Jesus Cristo e reafirma sua posição teológica ao lado da perspectiva “que não apenas afirma que Jesus é a manifestação salvífica, mas o próprio realizador exclusivo, singular e definitivo da salvação” (BENTHO, 2014). O propósito do artigo supramencionado é refutar a perspectiva pluralista que reduz e atenua a revelação de Deus em Jesus Cristo e a singularidade da salvação por ele mediada e efetuada. Benthô aponta cinco pontos para refutar a proposta pluralista. Por questões metodológicas, destacam-se aqui o quarto e o quinto:

Quarto, aceitar novos mediadores na mesma categoria de Jesus Cristo é negar o núcleo da fé cristã. Jesus não é apenas mais alguém na história que revela mais alguma coisa de Deus na imperfeição própria da condição humana. Ele é o único Salvador, não somente mediação manifestativa ou normativa, mas constitutiva da salvação. Ele é o filho de Deus e por isso mediador único e universal da salvação e do

¹⁴ Acesso em 05/10/2017: <http://www.cpadnews.com.br/blog/esdrasbenthô/cultura-crista/65/john-hick-e-a-teologia-do-pluralismo-religioso.html>

próprio Deus. Jesus é uma pessoa concreta da revelação única e exclusiva de Deus e não uma expressão contextualizada dessa revelação. Quinto, a ação do Espírito Santo como testemunhada pelas Escrituras não se acha da mesma forma ou equivalente noutras religiões. Ele se manifesta fora do corpo visível da Igreja mas não atua nos adeptos dessas religiões, como ministra aos fiéis em Cristo, transformando-os em “outros Cristos” “filhos no Filho”, assumindo a natureza concreta de Jesus (BENTHO, 2014).

A perspectiva do teólogo pentecostal está pautada dentro da perspectiva clássica da fé cristã. Nada de abrir mão da singularidade da salvação de Jesus Cristo. Nada de reducionismos em relação à pessoa e à obra salvífica por Ele efetuada e realizada. São questões que dizem respeito ao núcleo central da fé cristã e, portanto, atingem diretamente a identidade cristã pentecostal. E isso, nem Benthó nem os pentecostais estão dispostos a colocar de lado. Contudo, isso não significa absolutamente que os pentecostais não queiram o diálogo com pessoas de outras religiões.

O mesmo teólogo Esdras Costa Benthó elaborou uma revista para a Escola Bíblica Dominical, que foi estudada em todas as igrejas das Assembleias de Deus no Brasil, durante o quarto trimestre do ano de 2015. A revista tinha como título “Estabelecendo relacionamentos saudáveis – vivendo e aprendendo a viver”. A lição de número 8 (oito), no dia 22 de novembro, trazia como tema “O relacionamento com pessoas de uma fé diferente”. Logo no início da lição, Benthó afirma que “a fé cristã está fundamentada na revelação de Deus em Cristo, e nisto se distingue das demais crenças e religiões, embora reconheça o direito de todos expressarem livremente suas crenças” (BENTHO, 2015, p. 38). É uma perspectiva inovadora, que aponta para um futuro promissor nas Assembleias de Deus brasileiras. É uma revista de Escola Dominical dessa denominação, que ensina aos seus fiéis que “o relacionamento do cristão com pessoas de outras religiões deve ser com respeito, sincero e firme”. Rompendo com o exclusivismo, o teólogo pentecostal ensina a comunidade que “há salvação fora das instituições religiosas”, mas lembra que “não há salvação fora de Jesus”. E mais: “o diálogo com pessoas de crenças diferentes está presente em todos os relacionamentos cristãos onde a segunda pessoa professa um credo distinto ou procede de outra religião. Jesus (Jo 4.1-30) e Paulo (At 17) deram profundas lições no que concerne ao diálogo religioso” (BENTHO, 2015, p. 42). Portanto, é perceptível que a IEAD e seus fiéis estão vivendo um novo momento na história.

Conclusão

O presente artigo apresentou os clássicos modelos pelos quais a teologia é produzida. De modo geral, é possível afirmar que, em diferentes lugares, cada um dos modelos apresentados (exclusivista, inclusivista e pluralista) encontram seus representantes, alguns mais outros menos. Seguindo o teólogo francês Claude Geffré, foi apresentado o pluralismo religioso como um paradigma para se fazer teologia. Diante desse novo paradigma, é necessário o cristianismo repensar temas fundamentais, sem, contudo, negociar sua identidade. Esse é o caminho para se fazer teologia desde o paradigma emergente. A partir dessa premissa, a teologia pentecostal está inserindo-se aos poucos no diálogo com a teologia do pluralismo religioso.

Passado o seu primeiro centenário, é possível afirmar que as igrejas evangélicas Assembleias de Deus, agora está, ainda que de forma bastante lenta, se abrindo para o diálogo inter-religioso, ensinando os seus membros que esse diálogo tem em Jesus o respaldo e que deve ser feito com respeito e sinceridade. Esse respeito, consequentemente, precisa ser com as pessoas de outras religiões e o fato de suas crenças. A questão fundamental para os pentecostais e para qualquer outro cristão é o núcleo da fé, que não pode ser negociado nem relativizado. Para os cristãos, principalmente para os pentecostais e para as pessoas de outras religiões em geral, ter uma identidade sólida é pressuposto indispensável para qualquer tipo de participação no diálogo inter-religioso. Nesse sentido, é possível afirmar uma nova primavera na teologia pentecostal, em que essa significativa tradição cristã olha de forma positiva para o diálogo inter-religioso.

Referências

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

BENTHO, Esdras. “Teologia e novos paradigmas: desafios ao novo paradigma contemporâneo” (2015). Em: <http://cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/83/teologia-e-novos-paradigmas-desafios-ao-pentecostalismo-contemporaneo.html> Consulta em 07/07/2017.

_____. “John Hick e a teologia do pluralismo religioso” Em: <http://cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/65/john-hick-e-a-teologia-do-pluralismo-religioso.html> Consulta em 07/07/2017.

_____. “Jesus Cristo, obstáculo ao diálogo inter-religioso?” Em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/91/jesus-cristo-obstaculo-ao-dialogo-religioso.html> Consulta em 07/07/2017.

_____. Estabelecendo relacionamentos saudáveis – vivendo e aprendendo a viver (*Revista da Escola Bíblica Dominical*). Rio de Janeiro: CPAD, quarto trimestre de 2015.

DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

GEFFRÉ, Claude. *De Babel a pentecostes*: Ensaios de teologia inter-religiosa. Tradução de Margarida Maria Cicchelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Crer e interpretar*. A virada hermenêutica da teologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso*. In: *Concilium*, n 311, p. 13-28. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Como fazer teologia hoje*. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. O destino da fé cristã num mundo de indiferença. In: *Concilium*, n 185, p. 80-107. Petrópolis: Vozes, 1985.

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

KNITTER, Paul. *Introdução à Teologia das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Jesus e os outros nomes*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

MENZIES, William. *No poder do Espírito*: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo. São Paulo: Editora Vida, 2002.

MIRANDA, Mário França de. *Um homem perplexo*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

_____. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. *As religiões na única economia salvífica*. In: *Atualidade teológica*. Rio de Janeiro. Ano 6, n 10 Jan/2002.

_____. *A salvação de Jesus Cristo. A doutrina da graça de Deus*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *A inculturação da fé*. Um enfoque teológico. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *O diálogo das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SANCHES, Ciro. “Ecumenismo, uma armadilha de
Satanás.” <http://cirozibordi.blogspot.com.br/2012/04/ecumenismo-religioso-uma-armadilha-de.html> Consulta em: 06/07/2017.

_____. “O ecumenismo religioso e o jugo desigual”
<http://cpadnews.com.br/blog/cirozibordi/apologetica-crista/146/o-ecumenismo-religioso-e-o-jugo-desigual.html> Consulta em -06/07/2017.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. In: *Concilium*, n 319. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso*. Para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.

YONG, Amos. *Beyond the impasse: Toward a Pneumatological Theology of Religions*. Baker Academic; 1st edition (March 1, 2003).

_____. *Discerning the Spirit(s)* Apentecostal-Charismatic Contribution to Christian Theology of Religions. Bloomsbury T&T Clark; 1 edition (November 1, 2000).

_____. *The Spirit Poured Out on All Flesh: Pentecostalism and the Possibility of Global Theology*. Baker Academic; EditionUnstatededition (July 1, 2005).